

JUNHO



Vem a noite, os campos estão calmos.

O murmúrio do regato sedento,
inaudível durante o dia, cresce de novo.

Deserta está a planície semiceifada,
silenciosos os carreiros! As ruidosas carroças,
o grito do ceifeiro, o latido dos cães,
todos recolhidos nas quintas adormecidas!

Acabou o trabalho do dia,
já partiu o último ceifeiro,
e do tomilho lá no monte
e das flores brancas do sabugueiro
e dos pálidos rosais da sebe
e da hortelã-pimenta da junça,
sopra como bálsamo a brisa noturna,
o perfume que o dia prenuncia.

E lá longe, no horizonte puro,
vede como palpita, com as primeiras estrelas,
o líquido céu sobre as colinas!

Vem a noite, os campos estão calmos.